



GRUPO DE APOIO ACADÊMICO UTILIZANDO OFICINAS DE CRIATIVIDADE: PROMOVENDO SAÚDE MENTAL E A PERMANÊNCIA ENTRE UNIVERSITÁRIOS

Melissa Ellen Colaço de Vasconcelos¹
Leonídia Aparecida Pereira da Silva²
Virginia Teles Carneiro³

RESUMO

Atualmente, a questão da saúde mental entre universitários vem ganhando cada vez mais visibilidade. Em especial, diante das demandas da contemporaneidade e de diversas notícias de suicídios relacionados a questões acadêmicas. Frente a isso se faz cada vez mais necessário criar e ofertar espaços de atenção e suporte psicológico estudantil, de modo a atentar também para a promoção da permanência e conseqüentemente, para a diminuição da evasão e exclusão no ensino superior. O presente trabalho objetivou avaliar a efetividade dos grupos de apoio enquanto espaços de promoção à afiliação estudantil para estudantes de ensino superior através da realização de Oficinas de Criatividade. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis estudantes que participaram de um grupo de apoio acadêmico realizado por meio de Oficinas de Criatividade no Serviço Escola de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande. O material coletado foi analisado através da Análise Temática, uma modalidade da Análise de Conteúdo. As categorias encontradas nos resultados foram: Obstáculos à Permanência; Conseqüências das Adversidades; Oficinas como Resiliência; Mudanças e Potencialidades. Os resultados apontaram para uma melhora na forma como os estudantes lidam com questões da universidade e as oficinas mostraram ser estratégias promissoras para esse objetivo. Considera-se que o grupo de apoio foi um instrumento valioso para a promoção da afiliação estudantil entre os participantes, se tornando um mediador para a permanência.

Palavras-chave: Grupo de Apoio, Estudantes, Universidade, Saúde Mental, Psicologia.

INTRODUÇÃO

Apesar de a universidade ser um lugar, em alguns momentos, de promoção de sentido de vida, em outros, pode ser um lugar de produção de adoecimento (CERCHIARI; CAETANO; FACCENDA, 2005). Como pontuado pelo sociólogo francês Coulon, “o problema não é entrar na universidade, mas continuar nela” (2008, p. 31). O autor argumenta que a afiliação é a condição fundamental para a permanência, por meio dela ocorre a

¹ Especializanda em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ) e Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), melissa.na30@gmail.com;

² Residente de Psicologia da Residência Multiprofissional em Saúde da Criança (REMUSC/SES-PB) e Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), leonidiapereira1@gmail.com;

³ Doutora em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Professora de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), virginiateles@gmail.com.



incorporação e a consolidação dessa profissão temporária que termina por ser indispensável para a sustentação da condição de estudante universitário (COULON, 2008).

No entanto, vale destacar alguns elementos que podem dificultar a efetivação da afiliação. As relações interpessoais vividas dentro do ambiente acadêmico podem ser atravessadas por competitividade, muitas cobranças e até mesmo assédio, que podem culminar na evasão estudantil, no desenvolvimento de quadros patológicos duradouros e, em casos extremos, o suicídio (DUTRA, 2012). Um exemplo disso é a série de tentativas de suicídio por alunos do quarto ano de medicina da USP, ocorrendo ao menos seis casos em 2017 de acordo com a Folha de São Paulo (2017).

Corroborando esses dados, Dutra (2012) pontua que não são esporádicas as notícias referentes a “suicídios de estudantes universitários no Brasil. Independente da região do país onde o ato ocorra, é significativa a estatística de suicídio desses jovens, embora o registro de tais ocorrências não corresponda à realidade”. A autora enfatiza ainda que a ciência sobre esses casos termina por ocorrer “mais pelas notícias veiculadas na mídia e internet (redes sociais e blogs) do que por registros oficiais” (p. 925).

Diante desse contexto, se mostra de suma importância o desenvolvimento de espaços de promoção à afiliação dentro das universidades, de modo a promover formas de compreender e enfrentar o sofrimento que assola muitas vezes a vida universitária. Sobre isso Sampaio (2010) argumenta que é preciso ouvir mais e considerar que talvez “seja o caso de perguntar aos [...] estudantes universitários, de que tipo de atividades e suporte eles necessitam para progredir com sucesso na vida acadêmica e pessoal” (p. 103).

Partindo da ideia do trabalho com grupo de apoio aliado aos pressupostos da Oficina de Criatividade desenvolvida por Cupertino (2008) acredita-se que o uso de tal recurso se mostra uma opção para promover a ressignificação de demandas relacionadas à universidade. Cupertino expõe que a particularidade na utilização das oficinas como prática da psicologia se encontra no emprego de recursos artísticos variados com propósitos de auto expressão para exteriorizar “experiências particulares, vividas pelos participantes como expansão dos horizontes pessoais e da circulação, através de pontos de vista múltiplos, de conhecimentos específicos, sentimentos, valores e crenças” (CUPERTINO, 2008, p. 07).

Para além de seu efeito terapêutico, a vivência das Oficinas de Criatividade oferece também solo fértil à potencialização do pensamento crítico e do posicionamento político. Cupertino (2008, p.7) destaca ainda que, "ao abordar valores e preconceitos, manifestos



muitas vezes nos trabalhos realizados, ela permite a discussão de questões particulares, grupais e comunitárias, numa perspectiva ética e socialmente engajada”.

Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo avaliar a efetividade dos grupos de apoio enquanto espaços de promoção à afiliação estudantil para estudantes de ensino superior através da realização de Oficinas de Criatividade no Serviço Escola de Psicologia (SEP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – Campus I. Assim, a partir da análise temática dos relatos dos participantes sobre as oficinas realizadas, visou-se levantar as principais demandas surgidas a partir desses espaços de suporte, buscando compreender os obstáculos à saúde mental e à permanência dos estudantes na universidade e avaliar a efetividade das ações desempenhadas no grupo de apoio a partir das Oficinas de Criatividade.

METODOLOGIA

A pesquisa objetivou, como dito anteriormente, compreender se os grupos de apoio que se utilizam de Oficinas de Criatividade favorecem a promoção da afiliação estudantil. Pontua-se que o grupo de apoio abordado nesse trabalho recebeu o nome de GAS - Grupo de Atenção e Suporte a universitários. Sendo baseado nas fundamentações de Coulon (2008) e Cupertino (2008) em busca da promoção da afiliação estudantil entre estudantes de ensino superior.

O GAS ocorreu durante os meses de junho e julho de 2018, totalizando seis encontros pré-estabelecidos, e, após a sua finalização, os membros foram entrevistados individualmente pela autora principal deste trabalho. Participaram do GAS sete estudantes (seis oriundos da UFCG e uma da UEPB) que se inscreveram para o referido grupo durante o período de triagem para atendimento clínico no Serviço Escola de Psicologia da UFCG. Os estudantes têm faixa etária entre 20 e 30 anos e quatro são vinculados ao curso de graduação em Psicologia, um à graduação em Ciências Sociais, outro realizando mestrado em Engenharia e uma vinculada ao mestrado em Literatura.

A autora principal do trabalho esteve presente no grupo como facilitadora, pois era estagiária em psicologia clínica e conduzia o referido grupo juntamente com a primeira co-autora desse artigo. No total existiam três mediadoras na mesma condição. Os participantes foram contatados via contato telefônico e as entrevistas realizadas pela autora principal foram gravadas em áudio e transcritas para garantir a fidedignidade do discurso. Dos sete



participantes, seis foram entrevistados, pois um parou de frequentar o grupo.

A modalidade de entrevista escolhida foi a semiestruturada. Foi elaborado um roteiro de perguntas que serviu como guia, mas que também possibilitou a criação de novas indagações a depender da interação entre entrevistador e entrevistado. Os dados foram interpretados através da Análise Temática embasada nos pressupostos de Minayo (2013) a qual é considerada uma das modalidades da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2006). Para Minayo (2013), essa modalidade de análise consiste na codificação, categorização, agrupamento temático e interpretação de maneira mais ampla, através da descoberta dos núcleos de sentido que compõem uma comunicação, na qual a presença ou frequência signifiquem algo para o objeto analítico visado.

Como se trata de uma pesquisa envolvendo seres humanos, a mesma foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, atendendo à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e obtendo aprovação (CAAE 98727218.8.0000.5182). A participação na pesquisa foi voluntária e foi exigida a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa atendeu aos critérios básicos de viabilidade, tanto em relação aos recursos humanos e materiais, visto que não exigiu um alto quantitativo de pesquisadores e nem uso de equipamentos sofisticados, bem como no que se refere ao tempo planejado para realizar o trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de apresentar os resultados das análises das entrevistas realizadas com os participantes do grupo de apoio, considera-se relevante apresentar uma síntese de como foram desenvolvidas as oficinas de criatividade. Inicialmente foram selecionadas fichas de triagem de pessoas que seriam atendidas no GAS, uma vez que como modalidade de inscrição para o grupo adotou-se as triagens objetivando efetivar o grupo enquanto uma das modalidades de atendimento do SEP.

A Seleção final dos participantes foi realizada em 28 de maio de 2018 adotando-se a delimitação de 15 participantes no total. No dia seguinte as estagiárias entraram em contato com as pessoas selecionadas via aplicativo de mensagem e no mesmo dia realizou-se o planejamento do primeiro encontro o qual ocorreu em 05 de junho de 2018.

No total foram realizadas seis Oficinas de Criatividade. A primeira foi dedicada ao acolhimento aos participantes e à firmação do contrato terapêutico, eles puderam falar sobre si



e expressar as suas expectativas com relação ao grupo por meio da seleção dos temas que gostariam que fossem trabalhados nas oficinas subsequentes. No quadro abaixo é possível identificar os temas escolhidos por eles, bem como o tipo de intervenção realizada:

| Encontro | Tema | Intervenção Realizada |
|-----------------|--|------------------------------|
| 1º Encontro | Acolhimento inicial | Discussão inicial |
| 2º Encontro | Procrastinação e Autocobrança | Bricolagem em cartazes |
| 3º Encontro | Insegurança profissional | Confecção de cartas |
| 4º Encontro | Vida familiar | Modelagem com massinha |
| 5º Encontro | Esgotamento emocional e rotina acadêmica | Representação teatral |
| 6º Encontro | Fechamento | Discussão final |

Quadro 1: Cronograma dos encontros e respectivos temas.

Dito isto, pontua-se que a partir da análise das entrevistas aos participantes foram identificadas quatro categorias: Obstáculos à Permanência; Consequências das Adversidades; Oficinas como Resiliência e Mudanças e Potencialidades. Destaca-se que cada participante foi nomeado com o nome de um autor da literatura brasileira visando resguardar a sua privacidade e manter os seus nomes sob sigilo.

4.1. Obstáculos à Permanência

Frente às perspectivas do estudante com o início dos estudos no ensino superior, surgem diversas demandas. Fatores diversos como ter filhos, vida familiar, questões financeiras e questões prévias de saúde (física e/ ou mental) podem surgir ou se agravar durante a vida universitária se colocando como obstáculos à permanência na universidade e consequentemente à afiliação.

Desde o início dos encontros, os estudantes discorriam sobre a existência de diversos problemas burocráticos, de infraestrutura, de segurança e falta de investimento. Um exemplo disso é a fala da participante Cora Coralina: “o fato de aqui não ter um restaurante é horrível, porque passamos o dia inteiro aqui”. Ela pontuou que também que “assistência estudantil também não tem, a questão de bolsas, [...] minhas amigas já tentaram REUNI várias vezes e não conseguem. Às vezes tem uma seleção pra PIBIC, com uma só vaga pra bolsista”.



Outra problemática mencionada de maneira ampla foi a postura dos professores, e concomitantemente, a falta de incentivo aos mesmos. Sobre a primeira, a participante Lygia Fagundes Telles mencionou a grande carga de leituras exigida: “Eu acho que as leituras são necessárias, mas muitos professores acham que só tem a disciplina deles, e aí eles acabam cobrando demais”. Como normalmente são cursadas diversas disciplinas por período, e muitas vezes os alunos passam manhã e tarde na universidade, dar conta de tudo se torna cada vez mais difícil. Além disso, a aluna relatou que não havia abertura para conversa com eles.

O participante Machado de Assis apontou um fator que considera preocupante no âmbito estrutural: “Alunos que saem da rede pública [...] quando entram na universidade, sentem uma pressão bem maior em dar conta das exigências acadêmicas, coisa que para eles é muito incomum. Então falta uma sensibilidade com a realidade do estudante”.

Consonante às falas de Lygia Fagundes Telles e de Machado de Assis tem-se uma colocação de uma estudante entrevistada em um estudo sobre a afiliação intelectual e institucional de estudantes de origem popular produzido por Soares et al. (2015). A referida estudante mencionou que no ensino médio o conteúdo é apresentado pelo professor a cada aula, enquanto que na universidade é preciso ler um texto para cada aula e discuti-lo em sala com o (a) professor (a) e colegas. O que segundo ela nem sempre é alcançado pelos alunos oriundos do ensino público, comparando o ingresso desses alunos na universidade como o de alguém que “cai de paraquedas e quebra a cara no primeiro semestre” (p. 6).

Sobre a segunda questão, a estudante Cecília Meireles lamentou a falta de incentivo e constante rotatividade de professores e comentou: “Muitas vezes desenvolvíamos afetos e afetividades e três meses depois esse professor era afastado ou tinha conseguido passar num concurso efetivo e ia embora e isso acabava deixando uma lacuna na disciplina”, e assim os professores que permaneciam eram sobrecarregados.

Veras e Ferreira (2010) enfatizam que o professor desempenha a importante função de mediador, podendo favorecer ou não a construção do conhecimento por parte do aluno, para que este possa corresponder assim às exigências institucionais da universidade (alcançar a aprovação nas disciplinas e no período, por exemplo).

Outra questão mencionada pelos estudantes, foi o ser mãe e universitária ao mesmo tempo. Rachel de Queiroz, uma das participantes, conciliava as dificuldades do estudo, trabalho e maternidade. Sobre o GAS a estudante comentou: “Vi no GAS essa oportunidade que me levou a estar mais perto da universidade, diante de todas as demandas que eu tenho na vida (...) Eu não quero que nada mais seja um empecilho para prosseguir no curso”.



No que tange ao ser mãe e universitária, Urpia (2009) pontua que abrange um diálogo acirrado “com múltiplas vozes, tanto na dimensão interpessoal como intrapessoal, numa busca constante por criar estabilidade, orientando-se em direção ao futuro” (p. 142). Envolvendo uma gama de modificações e aprendizados que se interligam e se configuram na dinâmica dessas relações dialógicas entre a família e a universidade (URPIA, 2009).

4.2. Consequências das Adversidades

Diante de todas as questões supracitadas que vão de encontro com a vivência dos estudantes e sua maneira de experimentar o ensino superior, surgem consequências. Crises de ansiedade, distúrbios psicossomáticos, estresse, distúrbios do sono, os quais podem ter relação direta com a vida universitária e a busca por adaptação. Para exemplificar essas questões tem-se a fala de Lygia Fagundes Telles: “muitas crises de ansiedade relacionadas ao acúmulo de estudos, atividades, de provas... muita leitura”, referindo que se sentia muito pressionada por não conseguir dar conta. Ela acrescentou: “eu virava a noite... nunca sabendo se ia dar certo, se iria me prejudicar, e aí eu ficava muito mal com isso”.

No estudo de Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005), foi encontrada uma prevalência de 25% de transtornos mentais menores numa população de 558 estudantes universitários das instituições UEMS e UFMS, considerada alta. Os três transtornos mais recorrentes foram os distúrbios psicossomáticos, que acometeram 29% da amostra; tensão ou estresse psíquico, constituindo 28% e falta de confiança no próprio desempenho (26%). Os autores suscitam a seguinte hipótese: a insegurança diante do desempenho/auto-eficácia provoca tensão ou estresse psíquico os quais se expressam no corpo (distúrbios psicossomáticos), tornando evidente assim a dificuldade dos universitários em lidar com as emoções em uma situação conflituosa (CERCHIARI; CAETANO; FACCENDA 2005,).

Outro estudante, Machado de Assis, discorre sobre a dificuldade de conciliar até mesmo a experiência do grupo de apoio com o meio acadêmico. Comentando sobre só ter podido comparecer à metade das reuniões, fala sobre a dificuldade de ter disponibilidade, de conciliar os horários e às vezes de ter que faltar para estudar para alguma prova. “Então não aproveitei de modo substancial o GAS por motivos da própria universidade não me proporcionar isso”.

Chamaram a atenção as menções dos estudantes às dificuldades relativas à administração do tempo para estudar, espaços para estudar e desempenho acadêmico. Quanto a essas questões Lopez e Sampaio (2011) destacam que “questões relativas ao espaço e ao



tempo são importantes em todo o processo de afiliação” se caracterizando por “prazos das provas, das inscrições, das matrículas, tempo das aulas dilatado, volume de estudo, ritmo de trabalho” assim como os “espaços de convivência, distâncias entre instituições, deslocamentos [...] dificuldades de localização” (p. 81). Essa aprendizagem do uso do tempo, do espaço e do conhecimento da universidade faz parte das etapas que o estudante atravessa em sua chegada ao ambiente universitário, exigindo uma nova interpretação de cada uma (COULON, 2008).

4.3. Oficinas como Resiliência

Depois de se inscrever e poder vivenciar a experiência das oficinas, as reações relatadas foram positivas. A estudante Rachel de Queiroz relatou se identificar muito com o grupo, as pessoas e as dinâmicas, se sentindo à vontade em sua experiência.

A estudante Cecília Meireles narrou a sua experiência sobre a forma como se sentia nos encontros: “O GAS deixava toda semana aquela ideia estampada, a notícia clara para você, você é capaz, vai conseguir e fazia com que você não questionasse, o que a gente faz bastante no nosso dia-a-dia de universitário” e entende que os encontros possibilitavam uma estrutura de apoio para lembrar a cada aluno que são importantes e capazes e que estão buscando fazer tudo da melhor forma possível.

A participante Adélia Prado falou sobre a alegria de se sentir acolhida em seus anseios ao longo dos encontros e fala sobre o quão raro isso é. As terças (o dia da semana em que ocorria os encontros) para ela se tornaram um dia prazeroso, do qual ela saía com mais leveza. “É como se eu não estivesse mais na universidade, eu me sentia assim, como se eu tivesse num lugarzinho separado de tudo, de toda a correria, de toda a agonia”.

Desse modo, foi compartilhado entre os membros a compreensão de que as dificuldades não são restritas a grupos ou cursos específicos, gerando com isso um sentimento de “saída da solidão”, como já apontado por Ostronoff, Fávero e Baldin (2008) e por Rogers (1994, p. 109), quando afirma que nos grupos comumente os indivíduos encontram “a cura para a alienação, para a ausência na relação com os outros”, frequentemente através da experimentação de uma sensação de isolamento que havia sido ocultada de si.

É importante também destacar a sensação de liberdade para falar de si e para falar perante o outro, além de escutá-lo. Rogers já apontou que o papel do facilitador do grupo é desenvolver “um clima psicológico de segurança no qual a liberdade de expressão e a redução



de defesas progressivamente se verifiquem” (ROGERS, 1994, p. 17), criando uma atmosfera de confiança mútua na qual as defesas e a rigidez das pessoas são reduzidas, e que, dessa forma, os indivíduos podem ouvir-se e aprender uns com os outros. Neste sentido, o GAS parece ter atingido essa atmosfera de segurança psicológica, algo extremamente positivo.

Os participantes colocaram, em alguns momentos, que sentiram falta do aspecto individualizado de uma psicoterapia. Concomitantemente, mesmo sem que isso fosse proposto, foi sendo subentendido pelos participantes que o GAS consistia num lugar para se colocarem demandas da universidade. Algumas demandas pessoais teriam espaço, desde que relacionadas em algum nível com o âmbito acadêmico. Desse modo, alguns participantes continuaram vendo a necessidade de atendimento individual após a experiência.

Rasera (2010) relata que no trabalho com atendimentos grupais muitas vezes se desenvolvem dois estranhamentos: o fato do atendimento ser, no sentido estrito da palavra, *plural*, possuindo múltiplos focos de atenção e as vantagens e desvantagens no que isso acarreta, além do fato dos grupos de apoio muitas vezes se apoiarem no uso de recursos artísticos e expressivos. Esse movimento se dá pela comparação com o atendimento individual e a percepção das diferenças entre ambos, na qual geralmente o individual “é tido, então, como superior, produzindo melhores efeitos e sendo considerado o atendimento de preferência” (RASERA, 2010, p. 41).

Mesmo com algumas comparações com a modalidade de psicoterapia, a metodologia dos atendimentos grupais se mostrou como uma estratégia efetiva de atendimento. Na pesquisa de Rasera (2010), ao serem analisadas descrições acerca de atendimento grupal, foi analisada uma coletânea de palavras que citava “troca, socialização, convívio, coletividade, interação e corresponsabilidade” e focava nas possibilidades transformadoras da experiência (p. 38). Traçando um paralelo com o GAS, percebeu-se que o mesmo se mostrou esse espaço de troca e de transformação, favorecendo a resiliência entre os participantes, isto é, a capacidade do indivíduo de lidar com situações adversas e obstáculos.

4.4. Mudanças e Potencialidades

Diante da compreensão dos obstáculos vivenciados pelos alunos, como eles os afetam e como as oficinas podem contribuir para a resistência em aspectos variados, a última categoria aborda as reverberações do que foi vivido, as mudanças relatadas pelos estudantes e



a partir delas, possibilidades de caminhos a se seguir com vistas à promoção da saúde mental e da permanência na universidade.

A estudante Cecília Meireles relatou se compreender mais após a experiência e se relacionar de maneira mais singular com a academia. Comenta sobre o GAS não ter oferecido fórmulas mágicas para alcançar isso, mas sim auxiliando-a a encontrar seu lugar nessa dinâmica: “Eu penso que participar do GAS tenha sido a descoberta de que não só eu passo por essas dificuldades, não só eu tenho pressa, os prazos, dias felizes e dias não tão felizes com a universidade”. Ela ascentou ainda que também pôde refletir sobre falhas estruturais da universidade e sobre as suas inseguranças pessoais: “como pós-universidade, como a nossa relação com o primeiro emprego, com o desemprego e com as perspectivas de futuro”.

A estudante Lygia Fagundes Telles comentou que foi no GAS que encontrou outras formas de perceber seu desempenho diante do curso e que se não tivesse como ler tudo o “mundo não iria acabar por isso”, em suas palavras. Relatou estar conseguindo, além disso, se organizar melhor, ler mais, e procrastinar menos. Nota-se uma experiencição da afiliação intelectual onde a estudante mostra que pôde alcançar a “apropriação dos códigos e [...] a capacidade de exibir a compreensão desse fenômeno, ou seja, demonstrar que está acompanhando em nível intelectual os conteúdos teóricos e práticos exigidos” (Coulon (2008, p. 262).

O estudante Machado de Assis mencionou que alguns dos pontos positivos que ficaram foram a reflexão, a possibilidade de encontrar formas de se comunicar melhor, de entender sua saúde mental, perceber que outras pessoas passavam por situações parecidas e podiam trabalhar nisso juntas. Essa reflexão foi comum a quase todos os participantes: a importância de perceber que outros estavam na mesma situação.

Desse modo é possível, a partir dos resultados presentes nesse estudo, enxergar o potencial das oficinas de criatividade como vetores da afiliação estudantil nas universidades. A melhora entre os participantes foi visível quanto a sua maneira de lidar com os problemas, mesmo que determinados problemas permanecessem existindo. Ainda assim, os estudantes puderam se sentir acolhidos, ouvidos e fortalecidos a partir de sua experiência conjunta.

À luz dessas informações, enxergamos diversas potencialidades dessa modalidade de atendimento através das oficinas de criatividade para a permanência, como colocado por Cecília Meireles.: “O GAS me fez ter mais tranquilidade, para lidar com os vários desdobramentos dessa nossa relação com a universidade do nosso dia-a-dia. Nem sempre é



fácil chegar na universidade, estar na universidade [...] então o GAS é um mediador nesse ficar”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados analisados foi possível compreender melhor as repercussões que o grupo de apoio por meio das oficinas de criatividade evocaram nos estudantes. Enfatizando-se que os participantes entrevistados, de forma unânime, relataram uma melhora em sua forma de lidar com as questões relativas à universidade. Mais resistentes, mais tranquilos e menos sóz. Nem todos se declararam mais adaptados, no sentido estrito da palavra.

É notável o fato de que determinados problemas permaneceram existindo, visto que na experiência dos estudantes, a carga de leituras permanece pesada, os professores não se abrem para o diálogo e as instituições pecam na assistência estudantil. Essa questão consegue ser bem ilustrada na fala de Cora Coralina ao ser perguntada se se sentia mais adaptada à universidade após o grupo, onde a mesma respondeu que sim, mas com uma ressalva, a sua relação com as coisas mudou, mas as coisas em si não mudaram.

Existem questões macroscópicas e estruturais que transcendem o lidar e se faz essencial pensar o fazer político dentro da universidade em busca de mudanças que possam tornar o percurso nessas instituições um pouco menos desafiador e árduo. Para tanto é necessário que sejam buscadas estratégias para incentivar mobilizações e políticas públicas com vistas a alcançar melhorias.

Para esse objetivo, o atendimento grupal através de oficinas de criatividade se mostrou como uma estratégia promissora. Possibilitando a criação de um espaço de fala e o estabelecimento de vínculos entre estudantes com demandas variadas acerca do sofrimento universitário, considera-se que o grupo foi um instrumento valioso para a promoção da afiliação estudantil entre os participantes, se tornando, de fato, um mediador nessa permanência.

REFERÊNCIAS

CERCHIARI, Ednéia Albino Nunes; CAETANO, Dorgival; FACCENDA, Odival. Prevalência de transtornos mentais menores em estudantes universitários. *Estud. psicol.* Natal, v. 10, n. 3, p. 413-420, dec. 2005.



COULON, A. *A condição de estudante: a entrada na vida universitária*. Salvador: EDUFBA, 2008.

CUPERTINO, C. M. B. Oficinas de Criatividade: uma introdução. In: CUPERTINO, C. M. B. (Org.). *Espaços de Criação em Psicologia: oficinas na prática*. São Paulo: Annablume, 2008.

DUTRA, Elza. Suicídio de universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 12, n. 3, p. 924-937, 2012.

FOLHA DE SÃO PAULO. Medicina da USP se mobiliza após tentativas de suicídio. *São Paulo: Grupo Folha*, [1921?]-. Diário. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2017/04/1874794-medicina-da-usp-se-mobiliza-apos-tentativas-de-suicidio.shtml>>. Acesso em: 16 jul. 2018.

LOPEZ, F. N.; SAMPAIO, S. M. R. Questões contemporâneas no cotidiano da universidade: algumas implicações temporais. In: SAMPAIO, SMR., org. *Observatório da vida estudantil: primeiros estudos*. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 71-91

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 13. ed., São Paulo: Hucitec, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria método e criatividade*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OSTRONOFF, V. H.; FÁVERO, C. B.; BALDIN, P. D. Uma experiência de supervisão em Oficinas de Criatividade. In: CUPERTINO, C. M. B. (Org.). *Espaços de criação em psicologia: oficinas na prática*. São Paulo: Annablume, 2008.

RASERA, Emerson Fernando; GODOY ROCHA, Rita Martins. Sentidos sobre a prática grupal no contexto de saúde pública. *Psicologia em Estudo*, v. 15, n. 1, 2010.

ROGERS, C. *Grupos de encontro*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SAMPAIO, S. M. R. A Psicologia na educação superior: ausências e percalços. *Em Aberto*, v. 23, n.83, p.95-105, 2010.

SOARES, M. P. et al. *Permanecer na universidade: afiliação intelectual e institucional de estudantes de origem popular*. In: Anais do II Congresso Nacional de Educação – CONEDU. Campina Grande-PB: Realize Eventos & Editora, 2015. Disponível em<<http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/16702>> Acesso em: 13 de setembro de 2020.

URPIA, A. Tornar-se mãe no contexto acadêmico: narrativas de um self participante. *Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia*, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2009.

VERAS, R. S.; FERREIRA, S. P. A. A Afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem em contexto universitário. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 38, p. 219-235, set./dez. 2010.